

**ALFABETIZAÇÃO: PRINCIPAIS  
DESAFIOS ENFRENTADOS  
PELOS DOCENTES DAS  
INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE  
ENSINO DURANTE A PANDEMIA**CURITIBA, Letícia Gomes <sup>1</sup>  
LYRIO, Thais Santos <sup>2</sup>  
FONSECA, Maria a Penha <sup>3</sup>**Resumo**

A abordagem apresentada neste estudo é voltada para o segmento das séries iniciais do Ensino Fundamental, pois, diante da emergência instaurada na educação pela Covid 19 aumentaram as formas de exclusão e o temor de fracasso escolar, pois, as crianças nesse momento estão em fase de alfabetização e existe a expectativa que haja reflexos desse período nos anos posteriores. Busca-se, nesse contexto, investigar as ideias que foram surgindo à medida que os desafios trazidos pela pandemia foram se cristalizando para professores alfabetizadores, gestores escolares e para o próprio sistema educacional brasileiro. Considerando os desafios para alfabetizar a criança com a predominância do ensino remoto e como professores buscando alternativas viáveis, foi tomada como orientação metodológica para a elaboração da pesquisa a revisão de literatura de caráter exploratório. Os resultados obtidos evidenciam os obstáculos durante a pandemia e pós-pandemia, despertando olhares reflexivos acerca de novas posturas e práticas educacionais.

**Palavras-chave:** Educação. Alfabetização. Pandemia. Desafios. Ensino Remoto Emergencial. Pós-pandemia.

**INTRODUÇÃO**

A pandemia do novo coronavírus modificou a atuação de diversos setores em todo o mundo, entre eles a educação, obrigando pessoas e instituições a remodelar suas atividades, cumprindo o distanciamento social, como prevenção à disseminação do vírus. No setor educacional, foi implantado o ensino remoto emergencial, como possibilidade de continuação das atividades escolares. No Ensino Fundamental, junto aos estudantes dos anos iniciais, foi preciso desenvolver um processo que demandaria tempo e acompanhamento sistemático do professor, envolvimento o

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Faculdade Novo Milênio. E-mail: [leticia.curitiba@sounovomilenio.com.br](mailto:leticia.curitiba@sounovomilenio.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Faculdade Novo Milênio. E-mail: [thais.lyrio@sounovomilenio.com.br](mailto:thais.lyrio@sounovomilenio.com.br)

<sup>3</sup> Docente e Coordenadora no Curso de Pedagogia - Licenciatura, na Faculdade Novo Milênio. Coordenadora do Polo Faculdade Novo Milênio/Rede Arte na Escola. Graduada em Licenciatura em Educação Artística/Artes Plásticas; Especialização: Abordagens Contemporâneas em Arte-Educação (1999) e Mestrado em Educação - PPGE/UFES. E-mail: [maria.fonseca@novomilenio.br](mailto:maria.fonseca@novomilenio.br)

comprometimento entre estado, escola e família, visando atender o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988).

Na contextualização das últimas políticas públicas propostas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), têm-se vários planos de alfabetização, que se adequam, alteram, ajustam, modificam, etc, a fim de atender a Constituição Federal Brasileira.

Em 2012, o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), teve por finalidade a alfabetização do educando até o final do terceiro ano, aos oito anos de idade, obtendo como objetivo o conceito da alfabetização segundo o mesmo e o conhecimento dos procedimentos pedagógicos recomendados e as estratégias da formação dos professores regentes da modalidade de ensino.

Em 2013, foi incorporada ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) direcionada aos alunos do 3º ano do ensino fundamental. Com a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que antecipou o fim do ciclo de alfabetização do 3º para o 2º ano, o teste da ANA foi aplicado em 2019, para os estudantes do 2º ano e mediu o desempenho em leitura, em matemática e em escrita.

Em 2019, a Política Nacional de Alfabetização (PNA) foi instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, visando implementar

[...] programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal (DECRETO 9765).

No entanto, tal política não chegou a ser implementada, uma vez que ao final do mesmo ano, o coronavírus, disseminado pelo mundo, conforme citado anteriormente, causou síndromes respiratórias graves, levando milhares de pessoas a óbito e em uma situação emergencial da saúde medidas foram tomadas pelos governos de todos os países fazendo com que fosse declarado o distanciamento social como uma forma de evitar a propagação do vírus (LAGUNA et al, 2021).

Com o aumento de pessoas contaminadas pelo vírus, tendo um número significativo de hospitalizados em estado grave, o governo federal determinou estado de

calamidade pública, levando as escolas a suspenderem as aulas presenciais e adotando novos meios a fim de garantir o processo de ensino aprendizagem aos estudantes, conforme a realidade de cada sistema de ensino, sendo umas com aulas remotas e outras com o envio de atividades impressas.

Laguna et al (2021) destacam que muitas críticas surgiram a partir da adoção do distanciamento social, uma vez que tal estratégia traria consequências inesperadas para a economia dos países e também para a educação. Mas, reforçando também que a Organização das Nações Unidas (ONU) indicou o fechamento temporário das instituições de ensino com o intuito principal de proteger a todos, considerando as salas de aula como campo fértil para a disseminação do vírus.

No que se refere às aulas remotas, Silva, Souza e Menezes (2020, p.300) dizem que “o alcance e a expansão dessa modalidade, chega até as regiões mais remotas, tanto na diversidade de oferta de cursos, quanto o formato de difusão do conhecimento e na flexibilidade de horários e propicia maior acessibilidade ao ensino, dentre outros”.

Os autores afirmam também que, o Ensino Remoto Emergencial (ERE), deve considerar a realidade, levando em conta sua flexibilidade e o custo, ou seja, é uma modalidade de ensino que atende aqueles alunos que têm os recursos tecnológicos. No entanto, em cenário contrário, quando estes são economicamente inacessíveis, surgem os desafios, tanto na dificuldade aos equipamentos quanto ao domínio destes, “por parte dos discentes e pais para essa modalidade de ensino, que nem sempre podem arcar com as despesas de internet e aparelhos eletrônicos para o ensino digital” (SILVA, SOUSA e MENEZES, 2020, p. 300).

Este novo contexto demandou uma nova visão e/ou compreensão do espaço escolar, por meio de um ensino remoto exigindo dos envolvidos a desconstrução da ideia de escola como espaço físico para a construção de escola como espaço de socialização e aprendizagem.

No Brasil, sem a previsão de vacina, o Ministério da Educação autorizou o ensino remoto e o Parecer do Conselho Nacional de Educação nº 005/2020 reorganizou o calendário escolar, prioritariamente referente à carga horária do ano letivo de 2020 (LUIZ, 2020; LAGUNA et al, 2021; ROMÃO, 2021).

Em 16 de junho de 2020, o MEC publicou a Portaria nº 544, dispondo sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, apresentando orientações para o ensino remoto e para adequação das escolas, tanto em relação ao

calendário escolar quanto para o desenvolvimento de atividades constantes no currículo, inclusive na proposta para crianças em fase de alfabetização.

O MEC sugeriu que, diante da dificuldade de acompanhamento de aulas on-line por parte das crianças, a escola orientasse os pais e que as atividades fossem roteirizadas, mais estruturadas para facilitar o auxílio da família.

É preciso que se destaque que a pandemia do Coronavírus modificou a relação de ensino e aprendizagem para alunos privilegiados economicamente, impactando com maior intensidade alunos das massas populares onde pela situação socioeconômica os cerca de 40 milhões de alunos não possuem sequer um celular ou acesso à internet deixando evidente o abismo que existe entre ricos e pobres no que diz respeito à educação (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Nas pesquisas realizadas por Rondini, Pedro e Duarte (2020) evidenciou-se a discrepâncias entre as estruturas escolares públicas e as privadas em relação ao acesso do ensino remoto, pois, enquanto na escola pública os professores lidam com a falta de recursos tecnológicos insuficientes, professores de escolas privadas já teriam contato anterior à pandemia com o desenvolvimento do ensino em plataformas. Também destacou a distância entre as classes sociais dos frequentadores da escola pública daqueles que frequentam escola particular. Vale ressaltar que o governo não foi omissor, prestando apoio aos professores, oferecendo-lhes ajuda de custo para execução de atividades remotas, podemos ver que mesmo diante das dificuldades os professores e alunos conseguiram se adaptar ao novo método de ensino.

A utilização das tecnologias pela necessidade de acompanhar os avanços que fizeram surgir a geração dos cibernéticos foi ultrapassada na pandemia, passou a ser essencial para enfrentar os problemas ocasionados pela necessidade de a escola não paralisar seu trabalho educativo.

Queiroz, Souza e Paula (2021) ao analisarem os impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização na pandemia, destacam que até o primeiro semestre de 2021, as aulas presenciais no contexto escolar ainda não haviam retornado, e a educação contínua projetada para o âmbito remoto com as mais variadas formas de utilização de recursos tecnológicos, ou seja, com a pandemia foi preciso colocar o ensino, antes presencial, nas telas de celulares, tablets e computadores. No entanto, vale ressaltar que também provocou fragilidades e debilitou o processo de aprendizagem de educandos no período de alfabetização, situações de condições de

acesso, a falta de interação escolar e o despreparo pedagógico dos pais/responsáveis.

Amorim e Amaral (2020, p.8) corroboram ao afirmar que “logo no início da pandemia, a escola e as famílias perceberam a necessidade de se reinventarem e de criarem novas estratégias de ensino, cada um a partir de suas concepções, estrutura disponível e seus métodos”. Demonstram que com a pandemia as escolas adotaram o envio pelos correios de atividades impressas, criação de grupos de WhatsApp, vídeo conferências, aulas no Youtube e nos portais de escolas que eram utilizados para comunicações, agora são para postagens de vídeos, atividades remotas e outros, mostrando que situações atípicas exige resolução criativa dos problemas.

Referindo-se a uma escola particular como *lócus* de pesquisa. Amorim e Amaral (2020, p.9) afirmam que inicialmente “os professores do primeiro ano do Ensino Fundamental gravavam vídeos-aulas e as enviavam para os alunos semanalmente, postadas na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube”.

Posteriormente foi adotada a experiência de ensino remoto emergencial e todos os estudantes da classe “começaram a assistir aulas diárias, síncronas via plataforma *Microsoft Teams*, utilizando de videoconferências, em um ambiente digital estruturado, com aulas previamente programadas, e realização de avaliações dentro desse próprio ambiente” (AMORIM; AMARAL, 2020, p.9).

Segundo Ferreira, Ferreira e Zen (2020), professoras alfabetizadoras que participaram da pesquisa desenvolvida por elas, apontam para as limitações do Ensino Remoto Emergencial no que se refere à socialização, dificuldades nos aspectos da leitura e escrita, necessidade de contar, concretização de ensino, principalmente, com os familiares dos alunos.

Romão (2021, p.188) afirma que “se alfabetizar todos os alunos já era um grande desafio para o professor, agora com o ensino remoto, essa situação piorou, aumentando a distância entre ensino e aprendizagem”, pois, ao abordar a qualidade do ensino, principalmente no período da pandemia. E ressalta que:

[...] as práticas docentes que vêm sendo realizadas reproduzem o que tem de pior nas aulas presenciais, utilizando um modelo de interação no qual os professores transmitem informações e orientações para um grupo de alunos que nem sempre consegue acompanhar o que está acontecendo nesses encontros virtuais e ter acesso para interagir com os professores. Esse é um clássico exemplo de uma perspectiva instrumental da tecnologia (ALVES apud ROMÃO, 2021, p. 192).

Segundo Tonin, Machado e Dias (2020), apesar de todas as dificuldades, com a necessidade de um Ensino Remoto Emergencial, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA's) ganharam notoriedade porque apresentam interfaces de conteúdo e de comunicação, favorecendo o trabalho colaborativo, troca de mensagens, atividades em tempo real (síncronas) e em qualquer tempo (assíncronas). Possibilitando a postagem de mensagens para pais e crianças, de comunicações importantes, de áudios, de atividades voltadas para alfabetização, matemática, de artes corporais como música, teatro, de produções audiovisuais, animações, vídeos, videoaulas, brincadeiras, contação de histórias, além de outras possibilidades, dependendo da criatividade dos produtores de conteúdo.

É claro que, nem tudo são flores e alegria para as crianças, são muitas horas na frente da tela e a paciência se esvai, os professores são os membros da própria família, falta a presença dos colegas para juntos aprenderem e brincarem, apesar do esforço de manter uma metodologia lúdica com jogos, brincadeiras e outras atividades.

Impulsionado pela experiência surreal, torna-se relevante disseminar conhecimentos para que os professores possam compreender e saber como desenvolver estratégias para ensinar crianças em fase de alfabetização no formato *on-line*, pensando não somente em situações emergenciais, mas na própria alfabetização digital precoce e emancipadora das crianças.

Considerando os aspectos sociais de aprendizagem no Ensino Fundamental (anos iniciais) e as dificuldades enfrentadas no ensino remoto emergencial, propôs-se os seguintes interrogantes para a pesquisa: Quais os principais desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores do ensino público durante a pandemia? Como as lições obtidas podem interferir nas ações pedagógicas na pós-pandemia?

Parte-se das hipóteses de que entre os principais desafios tem-se o acesso às tecnologias e ao domínio de suas ferramentas, tanto por parte dos profissionais da educação quanto por parte dos pais e/ou familiares.

Neste sentido, o presente estudo, delimita-se nos desafios encontrados no Ensino Fundamental (anos iniciais) focando os aspectos sociais de aprendizagem e as dificuldades enfrentadas no ensino remoto emergencial, de modo especial no que se refere à alfabetização, que tem se constituído um tema bastante discutido pelos que se preocupam com a educação, já que há muitas décadas se notam os problemas de aprendizagem, gerando fracasso e evasão escolar do aluno. Têm-se este processo

como complexo, iniciado por um percurso que envolve etapas que exigem conhecimentos diferentes cujas intenções subjetivas culminam com a apropriação da escrita e que neste contexto ou novo cenário se ampliaram,

Segundo relatório do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) a proporção de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental com problemas de língua portuguesa passou de 15,5% em 2019 para 33,8% em 2021. E em Matemática, saiu de 750 pontos em 2019 para 741 pontos em 2021 (INEP, 2022).

A abordagem dos desafios e possíveis soluções para a educação no segmento das séries iniciais do Ensino Fundamental tem relevância, diante da emergência instaurada na educação pela Covid 19, aumentaram as formas de exclusão e o temor de fracasso escolar, uma vez que se tem a expectativa de que as crianças, em fase de alfabetização, tenham sido afetadas em seu aprendizado e os seus reflexos só venham a ser percebidos futuramente.

Tem-se como objetivo geral, identificar os principais desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores no período da pandemia do Covid-19, reconhecendo e analisando as novas possibilidades de alfabetização. Os objetivos específicos são: elencar pesquisas atuais sobre os desafios para alfabetizar a criança com a predominância do ensino remoto e como professores e pesquisadores têm buscado alternativas viáveis; indicar se, de acordo com as pesquisas realizadas, as instituições adotaram um padrão ou se não existe um único encaminhamento para o trabalho com crianças em fase de alfabetização; analisar dados e construir um discurso crítico sobre as dificuldades que professores encontraram para se adaptarem urgentemente a uma nova metodologia de ensino e como a nova modalidade também evidenciou, por motivos de ordem econômica e social, os excluídos digitais; verificar a importância da família para auxiliar na aprendizagem da leitura e da escrita das crianças, considerando que muitos pais não são preparados tecnologicamente ou intelectualmente para prestar ajuda e de acordo com orientações governamentais para esse período eles não devem ser considerados mediadores, pois, esse é o papel do professor.

## **MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, buscando responder os interrogantes da pesquisa a partir das informações relevantes ao tema em

investigação em revisão de literatura em estudos, pesquisas e narrativas redigidas em: LUIZ (2020); SILVA, SOUSA e MENEZES (2020); LAGUNA (2021); ROMÃO (2021); RONDINI; PEDRO; DUARTE (2020); QUEIROZ, SOUZA e PAULA (2021); AMORIM e AMARAL (2020), FERREIRA, FERREIRA e ZEN (2020). E também, a pesquisa de campo, por meio de formulário google junto a professores alfabetizadores, a fim de estabelecer diálogo entre as leituras desenvolvidas e os contextos reais do cenário escolar pós pandêmico.

Os resultados obtidos nos formulários respondidos pelos profissionais voluntários foram tabulados, analisados e dialogados com o repertório bibliográfico consultado no decorrer da pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir apresenta-se os resultados obtidos pela pesquisa e em ,a análise descritiva do conteúdo coletado por meio do instrumento Formulário online (Google Forms). O questionário online foi aplicado em setembro e outubro/2022, aos professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, totalizando 26 professoras alfabetizadoras.

No que se refere à formação das 26 professoras, observa-se que 80,8 % das participantes são pós-graduadas na área de alfabetização, nota-se que 11,5% delas possuem apenas a graduação e 3,8% mestrado e doutorado.

**FIGURA 1. Gráfico de formação acadêmica dos professores.**

Sua Formação Acadêmica maior é:  
26 respostas



Fonte: dados coletados no questionário online - site: Google Forms.

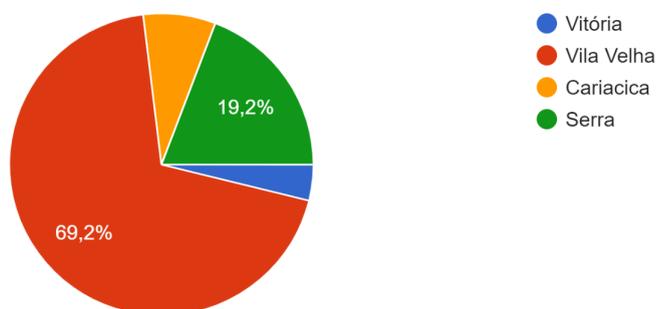
Ao averiguar as respostas relacionadas ao município em que atuam, observa-se que a maioria faz parte do Sistema de Ensino Público Municipal de Vila Velha (69,2%),

seguido de Serra (19,2%), Cariacica (7,2%) e Vitória (3,8%).

**FIGURA 2. Gráfico de local de atuação dos professores.**

Em que cidade você atua como professor(a)?

26 respostas



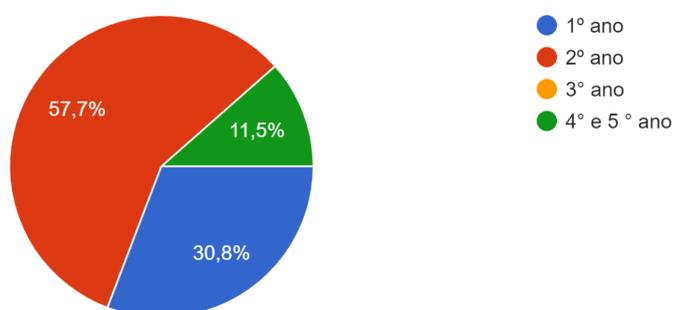
Fonte: dados coletados no questionário online - site: Google Forms

Observa-se que a maioria das participantes atua em fase intermediária no processo de alfabetização, referindo-se ao 2º ano com 57,7%, logo após o 1º ano com 30,8%, seguido o 4º e 5º ano com 11,5%. Não houve respostas para o 3º ano.

**FIGURA 3. Gráfico de docência dos professores.**

Para qual turma você leciona atualmente?

26 respostas



Fonte: dados coletados no questionário online - site: Google Forms

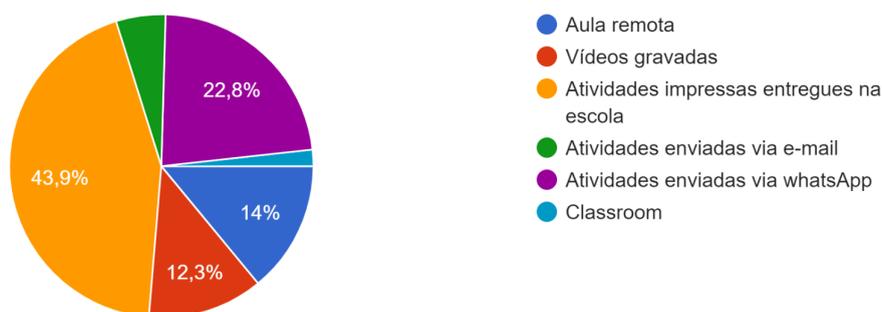
Como relatado anteriormente, muitos são os desafios enfrentados pelos docentes no processo de alfabetização, com a suspensão das aulas presenciais por conta da pandemia do COVID-19. Contudo no questionário foi perguntado aos professores como os alunos tiveram acesso às atividades durante esse período. Na análise do questionário, nota-se que em duas modalidades teve um aumento significativo, cerca de 43,9% buscavam as atividades impressas um dia na semana e devolviam na semana seguinte, repetindo o mesmo processo, seguido de 22,8% que optaram pelo

envio das atividades pelo Whatsapp, 14% por aula remota e 12,3% por gravações de vídeos.

**FIGURA 4. Gráfico de acesso às atividades.**

Como seus alunos tiveram acesso às atividades não presenciais, oferecidas pela rede municipal de ensino?

26 respostas



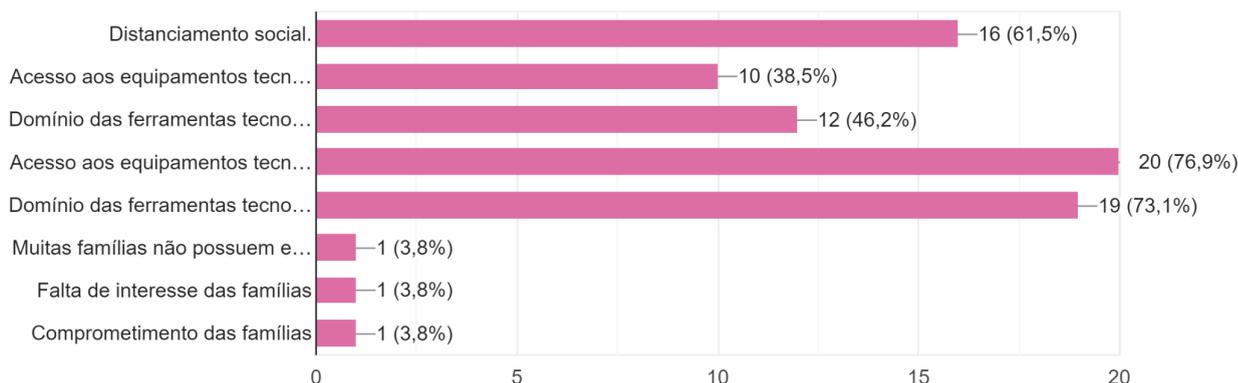
Fonte: dados coletados no questionário online - site: Google Forms

De acordo com Amorim e Amaral (2020, p.8) desde o início da pandemia, a escola e as famílias perceberam que precisavam usar novas estratégias de ensino, e cada um, a partir de suas concepções, estrutura disponível e seus métodos foi se adaptando. Observa-se no gráfico abaixo que tal situação condiz com as respostas recebidas, uma vez que alunos do sistema de ensino público as atividades não presenciais, com inúmeros desafios, como por exemplo: a carência de acesso aos equipamentos tecnológicos, seguindo da falta domínio das ferramentas tecnológicas por parte das famílias e o distanciamento social.

**FIGURA 5. Gráfico dos Principais desafios enfrentados pelos professores durante a pandemia**

## Quais os principais desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores do ensino público durante a pandemia?

26 respostas



**Fonte: dados coletados no questionário online - site: Google Forms**

Durante a pandemia, a necessidade do ensino remoto evidenciou dificuldades na maior parte das escolas brasileiras, em especial nas unidades públicas, onde foi possível somar o despreparo tecnológico e a falta de conhecimento como ensinar por meios virtuais. Diante disso, questionamos quais seriam as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores em alfabetizar durante a pandemia. A seguir alguns relatos dos docentes:

**P1** - O distanciamento social e a falta de formação continuada

**P2** - A maior dificuldade enfrentada foi estar longe dos alunos, pois acredito que a afetividade é de fundamental importância para a efetivação do processo de alfabetização em sala de aula. "Alfabetizar sem estabelecer contato foi algo muito desafiador durante a pandemia".

**P3** - A falta de acesso das crianças ao dispositivo tecnológico (computador, celular), que estavam sendo utilizados pela escola no período da pandemia. Muitos alunos só tinham acesso às atividades nos fins de semana quando os pais estavam em casa, e deixavam eles visualizarem nos grupos de WhatsApp feitos pela escola. Outra dificuldade muito grande foi a falta de auxílio dos pais ou responsáveis como mediadores das atividades enviadas de forma remota (via papel). As crianças por serem muito pequenas não tinham rotina para fazer as atividades, necessitando de alguém que lembrasse e que pudesse promover um momento tranquilo para a execução dessas atividades assim como também orientar e ensinar como devem ser feitas. Lembrando que estavam em períodos de alfabetização então a grande maioria não sabia ler, o que deveria ser feito nas atividades

**P4** - A maioria das famílias não tinha acesso aos equipamentos tecnológicos e/ou Internet. Ao receberem as atividades impressas na escola a mesma era devolvida incompleta ou feita por outra pessoa, que não o aluno, na maioria das vezes.

Os relatos dos docentes condizem com a fala de Soares (2020) em uma entrevista

realizada ao Canal Futura, ao apresentar que a pandemia acrescentou novos desafios, além dos já existentes, afastando as crianças das escolas interrompendo o processo de alfabetização no momento em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, sendo este essencial para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita.

O professor buscava se reinventar e se atualizar em um limite de tempo muito curto e urgente. No atual cenário em que a educação se encontra, devido às transformações significativas e agora enfrenta diversos desafios neste período de readaptação, foi perguntado aos docentes entrevistados como está acontecendo o processo de alfabetização pós-pandemia?

**P1** - O processo de alfabetização vem acontecendo bem devagar, pois os professores têm buscado várias metodologias para inserir esse novo aluno no processo de leitura e de escrita.

**P2** - Está acontecendo de forma bem mais lenta, pois estamos resgatando conteúdo da Educação Infantil para um melhor resultado.

**P3** - Aulas com utilização de jogos, mais vídeos, mais atrativas para motivar quem está indo para a escola.

**P4** - Os alunos de 1 e 2 anos, durante esse ano estão conseguindo recuperar o período que ficaram afastados. Mas as turmas de 4º ano, atualmente, enfrentam muitos desafios. Pois, foram muito afetadas. Pois, durante o primeiro os que não conseguiram alcançar todas as metas do processo de alfabetização não tiveram a oportunidade durante o segundo e terceiro ano (anos da pandemia). Logo, chegaram ao quarto ano com grande defasagem na alfabetização, e tendo que junto com o processo de alfabetização aprenderem conteúdo do quarto ano.

**P5** - Com muita dificuldade, pois passaram de ano e não sabem o mínimo necessário da turma/ano em que estão. Por isso, precisamos ensinar conteúdos dos anos anteriores para podermos prosseguir com os conteúdos programados para o ano em que estão.

A partir desses relatos, identificamos que é preciso que os professores alfabetizadores tenham um olhar minucioso. Neste período pandêmico muitos estudantes sentiram-se desestimulados, gerando grande impacto na vida pessoal e acadêmica. Alunos e professores tiveram contato apenas virtual, ocorrendo alto nível de defasagem. A pandemia forçou as escolas a se adaptarem ao ensino remoto, mas as limitações tecnológicas e a distância deixaram muitos alunos para trás, trazendo mais desafios aos docentes. Referente a esta temática perguntamos aos professores alfabetizadores quais seriam os desafios encontrados no pós pandemia:

**P1** - Desenvolver metodologias de ensino que atendam aos diferentes níveis de conhecimento que as crianças apresentam.

**P2** - No pós pandemia recebemos alunos que voltaram mais perdidos emocionalmente, fisicamente, cognitivamente e principalmente socialmente.

Tudo isso vem afetando a dinâmica da sala de aula.

**P3** - Alunos com muita dificuldade, pois diversas famílias não auxiliaram e não apoiaram seus filhos durante a pandemia na realização das atividades remotas. Outra dificuldade de grande importância, foi infelizmente os alunos não conseguirem concluir a fase da Educação Infantil. Lembrando que a fase da educação Infantil é de grande importância para um melhor desempenho do aluno na alfabetização.

**P4** - Defasagem na aprendizagem

**P5** - Recompôr e acelerar os processos de ensino e de aprendizagem, esse com certeza é o maior desafio.

Para que essa defasagem na alfabetização não aumente e interfira nas demais etapas do aprendizado, é necessário trabalhar em conjunto e desenvolver estratégias. Neste sentido, Praxedes, Santos e Araújo (2022), dizem que cabe reforçar sobre a importância dos cursos de formação continuada, e assim, incentivar os professores a participarem cada vez mais, dessa proposta educacional, visto que, a formação continuada tem a intencionalidade de proporcionar momentos de discussões e reflexões em grupo. A partir das análises dos dados, 76,9 % dos professores alfabetizadores pontuaram que participaram de formação continuada<sup>4</sup> relativa ao uso de tecnologias no ensino remoto durante a pandemia e 23,1% não tiveram nenhuma formação. Pode-se dizer que uma das formas para agregar ao processo de ensino aprendizagem é o uso de metodologias ativas. As metodologias ativas são uma nova maneira de pensar o ensino tradicional. Isso porque um dos princípios da BNCC é ter o aluno como protagonista de seu processo de ensino-aprendizagem, sendo uma alternativa para proporcionar aos estudantes meios para que eles consigam guiar o seu desenvolvimento educacional. Portanto, as metodologias ativas já estão sendo utilizadas pelos professores entrevistados como podemos ver nos depoimentos abaixo:

**P1** - Metodologias Ativas, sala de aula invertida, recursos tecnológicos, gamificação.

**P2** - Aulas mais práticas e mais lúdicas. Muitos jogos e brincadeiras. Aulas com materiais concretos. Rodas de Conversa e aulas com levantamento de ideias também estimula muito os alunos.

**P3** - Chromebook, livros didáticos e paradidáticos etc.

---

<sup>4</sup> No ano de 2020 durante a pandemia, com respaldo legal da Portaria INEP Nº 544/junho de 2020, a Faculdade Novo Milênio em parceria com a Prefeitura Municipal de Vila Velha, organizou a formação "Imersão Google" visando promover recursos da Pedagogia Ativa para a continuidade do ensino, por meio de projeto de extensão com discentes do Curso de Pedagogia partilhando conhecimentos para o uso de ferramentas tecnológicas em práticas pedagógicas com atuação nos diferentes níveis e modalidades da Educação Básica do Sistema Público Municipal de Vila Velha.

Os professores hoje devem ser criativos, ter a visão de reorganizar tudo o que foi construído no período da pandemia, e absorver dessa experiência o que realmente importa e serem mais humanos. Os docentes devem se concentrar no processo de ensino, entendendo que às vezes é necessário reorganizar as atividades para levar em conta os grupos que encontrarão. Ele tem que estar envolvido, ter o domínio no conteúdo e a capacidade de juntar tudo. A criatividade, o engajamento, a reciprocidade, o reconhecimento do aluno como sujeito, e de seu ambiente, são aspectos essenciais nessa nova realidade do ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer do estudo, observou-se que a pandemia impôs grandes desafios para professores e estudantes, em especial, na educação básica.

Considera-se que um dos maiores estão ligados ao processo de alfabetização, na efetivação do ensino da leitura e da escrita, que deveria acontecer presencialmente e foi desenvolvida na abordagem pedagógica remota, quer tenham ou não: o acesso das crianças e suas famílias aos recursos tecnológicos; o acompanhamento das famílias nesse processo de aprendizagem da leitura e da escrita durante o período de isolamento; a interação professor-aluno mediada pelas tecnologias; e, também, a pouca familiaridade de professores, dos alunos e familiares com as ferramentas digitais.

Vale ressaltar que a proposta do ensino remoto foi a única opção que trazia uma nova ressignificação para o retorno das aulas, mesmo sabendo que se teria grandes dificuldades de adaptações. Neste sentido, é possível perceber, diante das informações obtidas nos artigos analisados e na presente realidade, que a educação pública foi a mais afetada e nessa perspectiva torna-se necessário criar possibilidades de relação entre família e escola, para que o avanço no processo de ensino – aprendizado possa acontecer de maneira favorável e útil ao desempenho escolar das crianças.

Considera-se nas reflexões e na experimentação da educação em tempos de Covid 19, nos permitiu compreender, ainda que superficialmente, no que se diz a respeito do processo de alfabetização, que o professor ocupa o centro das discussões, evidenciando ainda que as dificuldades para se estabelecer práticas e ações produzir um novo delineamento para a formação docente passando a ser decisiva para fazer

surgir um novo modelo de professor, um professor capaz de dominar os saberes tecnológicos ao realizar suas práticas, confrontando teorias às experiências.

Para finalizar, constata-se que é imprescindível e indispensável, o investimento em políticas públicas que venham a garantir um ensino que se baseie em qualidade e significado. Recomeçar é preciso. E nesse processo, a parceria entre escola, alunos e famílias precisa ser uma ação contínua, a fim de superar as perdas e incertezas. É preciso caminhar juntos para avançar no processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita das crianças.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Rejane Maria de Almeida; AMARAL, Arlene de Paula Lopes. **Alfabetização por meio virtual: Alice no mundo da pandemia**. In: **Revista Aproximação** — Volume 02. Número 05. — OUT/NOV/DEZ 2020. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/aproximacao/article/viewFile/6703/4631>>.

Acesso em: 20 abr. 2022

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 18 abr.2022 .

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; SEB; CNE, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: avaliação no ciclo de alfabetização – reflexões e sugestões**. Brasília, 2012. Disponível em: < <http://pacto.mec.gov.br/> >. Acesso em: 18 abr. 2022.

**Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Artigos & Tendências Futura Educação, Entrevista Magda Soares. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-oletramento-durante-a-pandemia> / Acessado em 11 out de 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. **Política Nacional de Alfabetização (PNA)**. Brasília/DF, 2019.

\_\_\_\_\_. INEP/MEC. **Texto atualizado dia 04/04/2017.** Disponível em: < [http://aprova.com.br/2017/03/09/enem-2017-confira-as-principais-mudancas-para-este-ano/?utm\\_campaign=06042017\\_-\\_newsletter\\_16\\_-\\_post\\_enem\\_-\\_base\\_que\\_nao\\_visualizou\\_o\\_post\\_enem&utm\\_medium=email&utm\\_source=RD+Station](http://aprova.com.br/2017/03/09/enem-2017-confira-as-principais-mudancas-para-este-ano/?utm_campaign=06042017_-_newsletter_16_-_post_enem_-_base_que_nao_visualizou_o_post_enem&utm_medium=email&utm_source=RD+Station) >. Acesso em: 18 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. INEP/MEC. **Relatório de resultados do Saeb 2019 volume 2: 2º ano do ensino fundamental** [recurso eletrônico] / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021. 64 p.: Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>. Acesso em: 18 abr. 2022.

FERREIRA, L. G.; FERREIRA, L. Garcia; ZEN, G. C. (2021). **Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna.** In: **Fólio - Revista De Letras**, 12(2), 2020. Centenário de Clarice Lispector / **Ensino Remoto de Línguas em Tempos de Pandemia.** Disponível em: < <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7453>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

**Imers@o Google For Education:** <https://www.even3.com.br/imersaoogle/> Acesso em 18 de dez de 2022.

LAGUNA, Thalyta Freitas dos Santos; et al. **Educação Remota: desafios de pais ensinantes na pandemia.** In: **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** 21 (Suppl 2) • Maio 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/PGF37qhRQP9HYFH5TSv89zR/?lang=pt>>. Acesso em: 26 abr. 2022.

LUIZ, Silvania de Sousa Felipe. **Alfabetização na pandemia: realidades e desafios.** Universidade Federal da Paraíba, 2020. Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19167/1/SSFL08012021.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2022.

PRAXEDES, Jennifer Guimarães; SANTOS, Cristiane Delfino Machado dos; ARAÚJO, Roberta Negrão de. **Práticas Alfabetizadoras Pós-Pandemia: Relato de intervenções,** 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/argen/Downloads/1043-Texto%20do%20artigo-3955-3-10-20220520.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022

**Quais são os desafios da alfabetização pós-pandemia?** Artigos & Tendências Futura Educação. Disponível em: <https://www.futura.org.br/alfabetizacao-quais-sao-os-desafios-pos-pandemia/#:~:text=As%20crian%C3%A7as%20de%206%20a,3%25%20em%20apenas%20dois%20anos>

QUEIROZ, Michele Gomes de; SOUSA; Francisca Genifer Andrade de; PAULA, Genegleisson Queiroz de. **Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização**. In: **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ROMÃO, Dulcilene Nunes. **Tempos de pandemia: os novos desafios do professor alfabetizador**. In: **Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA**, Ariquemes, v.12, n.2, p. 188-201, 2021. Disponível em: <<https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/927>>. Acesso em: 02 mai. 2022.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. **Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente**. In: **Educação, Interfaces Científicas**. Aracaju/SE. V.10, N.1, p. 41 – 57, 2020. Disponível em < <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>>. Acesso em: 02 mai. 2022.

SILVA, Ana Carolina Oliveira; SOUSA, Shirlaine de Araújo; MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. **O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios**. *Dialogia*, São Paulo, n. 36, p. 298-315, set./set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18383>. Acesso em: 04 mai. 2022.

TONIN, Juliana; MACHADO, Anderson dos Santos; DIAS, Patrícia Ruas. **2020 nas telas: escola online para crianças em fase de alfabetização. 2020**. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2684>>. Acesso em: 04 mai. 2022.